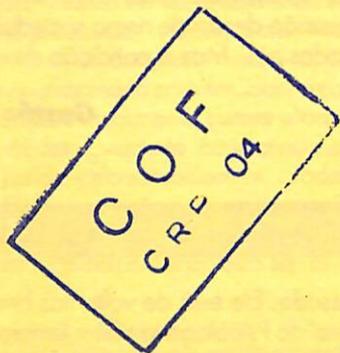


CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04



j o r n a l d o
P S I C Ó L O G O

BELO HORIZONTE, ANO 9 • Nº 40
FEVEREIRO / MARÇO 1993



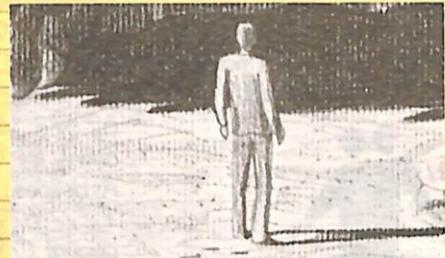
- **Loucura:** uma contraposição ao império estereozante da razão. Saiba por quê na entrevista com o psiquiatra Pedro Gabriel Delgado. Página 3.



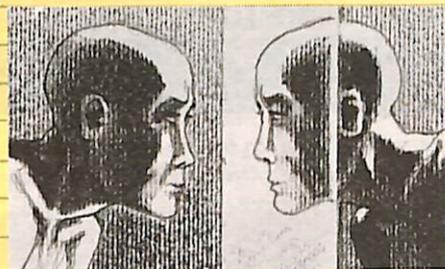
- **Morte do psicanalista Bernardo Blay Neto** provoca reflexão sobre a prática e o compromisso ético com os pacientes. Página 4.



- **Aids e Vida:** tese de doutorado derruba mitos sobre a doença e faz surpreendentes revelações sobre os portadores do vírus HIV. Página 5.



- **Leolo - do lixo à obra de arte:** uma homenagem à fantasia. Página 7.



- **Suplemento - Neste número, A Moral,** "vícios e virtudes em luta pela posse da alma humana".



SOBRE A VIOLÊNCIA E O VIOLENTADO

IPTU, IPVA, contribuição sindical, ISS, anuidade do Sindicato, anuidade do CRP-04... Assim começa o ano. São tantas as demandas e compromissos que recaem sobre nós, e nós? Fomos consultados? Assumimos estes compromissos ou será que os assumiram para que nós os cumpríssemos? Que retorno temos afinal de tudo isso? Nós cidadãos e profissionais psicólogos nos deparamos com tantas cobranças sem que, na maioria das vezes, estejamos em condições profissionais e financeiras para arcarmos com elas. Essa não seria também uma forma de violência? Tanta compulsoriedade, compromissos, obrigações, e o que fica afinal é uma enorme insatisfação entre nós e dentro de cada um de nós.

Estas foram algumas das indagações, constatações e insatisfações que nos trouxeram até este lugar que no momento ocupamos, ou seja, de conselheiros do Conselho Regional e Federal de Psicologia.

Mudamos de lado? Certamente que não. Gerenciando o Conselho, nossas obrigações são exatamente as mesmas que tínhamos até então, só acrescidas do trabalho voluntário a que nos propusemos. Lugar difícil? Certamente que sim. É uma autarquia e, portanto, está vinculada ao Tribunal de Contas da União, ao qual respondemos. Este vínculo restringe nosso raio de ação, mas a Assembléia dos Psicólogos, para a qual todos os psicólogos foram convocados, é soberana. Pudemos voltar em setembro do ano passado (como sempre com um número minguado de pessoas) a polêmica anuidade, vinculada a um projeto político de nossa gestão.

É um projeto voltado para as demandas detectadas pelas pesquisas (nacional e regional) que aponta para a necessidade de mudanças, desde o espaço físico, legislação, até a qualificação de nossos colegas. Precisamos sair do nível fantasmático, da ficção em relação às nossas instituições para que possamos ser criativos. É o momento de repensar nossa prática, nosso compromisso ético e nossa inserção social, como bem apontou a colega Nara França Chagas em seu comentário publicado na página 4 deste número do Jornal do Psicólogo.

As normas que se criam a partir da transgressão de nosso código genético são apontadas pelo filósofo Marcelo Perine no Suplemento. Isto nos estimula a especular, indagar acerca de significados, uma "transgressão" que nos permite criar e recriar nossas normas; delinear o campo da Psicologia no Brasil e uma nova forma de organização dos psicólogos.

Nossos colegas começam a se aproximar de nós que constituímos a gestão Psicodiversidade. Não somente através de reclamações de anuidade, multa eleitoral, critérios de inscrição de Pessoa Jurídica e Física (questões que podem ser esclarecidas em nossa sede) que, aliás, nos subsidiaram para propor mudanças para o Congresso Constituinte, mas também pelo retorno da categoria às ações já implementadas. Um exemplo é o texto da psicóloga Lúcia Montes que integra este jornal: foi produzido a partir do artigo de Carlos Roberto Drawin publicado na edição passada. Também chegam até nós cartas de parabenizações e críticas pelo primeiro Jornal do Psicólogo sob nossa gestão.

Também neste número do JP, nosso entrevistado nos trouxe contribuições. Pedro Gabriel Delgado nos leva a pensar na ampliação de nosso campo de trabalho, dos riscos corporativistas com entraves ao exercício pleno da cidadania e de nossa praxis como profissionais da área de saúde. Estamos engajados na luta antimanicomial, pensando em alternativas como o Projeto Paulo Delgado e outro, similar, que está sendo defendido para Minas Gerais, tentando colocar a Psicologia em discussão dentro de nossa sociedade. A violência, em suas diversas formas, atinge a todos nós. Mas a condição de violentado depende de cada um.

Gestão Psicodiversidade - 7º Plenário

passado. Ele está de volta nos brindando com o artigo "A virtude esquecida". O jornal do Psicólogo também lembra o leitor do Processo Constituinte dos Psicólogos e apresenta dados extraídos de pesquisa nacional encomendada pelo Conselho Federal de Psicologia sobre a Psicologia e os Conselhos. Está na página 11.

Na expectativa de contribuir com a reflexão, o estudo e prática dos profissionais que, de alguma maneira, se deparam com a AIDS, o JP apresenta a sinopse da tese de doutorado defendida por um grupo de profissionais de Uberlândia. E em "Revista", uma obra cinematográfica que privilegia a fantasia: é Leolo, sob o olhar da psicóloga Sandra Krueel.

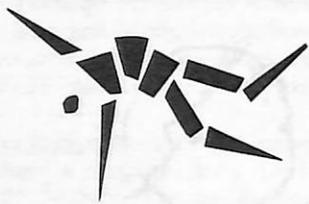
No Suplemento o leitor vai encontrar "A Moral", tema sobre o qual se debruçaram o filósofo Marcelo Perini e o psicólogo e psicanalista Sérgio Laia e que, de alguma maneira, perpassa todo o jornal. Bom proveito para todos e até o próximo!

Ricardo F. Moretzsohn

Presidente da câmara de Comunicação Social

Graves denúncias contra a Clínica Serra Verde e exigência de providências. Foi o que encontrou o secretário de Estado da Saúde de Minas, José Felipe Saraiva, ao receber, em meados de fevereiro, um documento assinado por diversas entidades, entre elas, o CRP-04 e CFP. O hospital psiquiátrico privado-conveniado é instalado em Vespasiano e sua gestão está sob a responsabilidade da Secretaria, que deve responder também pelo uso da violência, doenças, abusos sexuais, força de trabalho e número excessivo de mortes que ultrapassam os percentuais esperados para este tipo de instituição. Conselho Federal e Regional vão continuar pressionando até que as providências sejam efetivamente tomadas.

o pagamento parcelado da anuidade do CRP-04 sempre deve ser feito no último dia útil do mês. Considerando que grande parte dos profissionais recebe salário somente no 5º dia útil do mês seguinte, o CRP-04 decidiu ampliar o prazo definindo para 8 de fevereiro, 8 de março e 8 de abril o dia de pagamento. Mas por engano de alguns caixas das agências bancárias, alguns psicólogos pagaram a anuidade com a UFIR atualizada. Este equívoco está sendo corrigido pelo Banco do Brasil que está providenciando a restituição, inclusive para aqueles que efetuaram o pagamento em outros bancos. Para isso, o psicólogo deve se certificar se foi cobrado indevidamente e tirar cópia do comprovante de pagamento. O original deve ser encaminhado à agência da Praça da Liberdade do Banco do Brasil aos cuidados do gerente de Operações Adenilson. Em carta deve ser informado o número do banco, agência e conta do psicólogo para que seja efetuada a devida restituição.



Existem casos em que o psicólogo inscrito no CRP-04 paga duas vezes a anuidade: como Pessoa Física e também como Pessoa Jurídica que preste serviços de Psicologia à terceiros. Já o profissional que constitui firma individual paga uma anuidade somente, na condição de Pessoa Física. Embora sejam determinações da legislação, o CRP-04 está interessado em discutir novas propostas de cobrança. Se você puder contribuir com alguma sugestão, será muito bem-vindo.



Não há um modo ágil e simples de apresentar o balanço de Receita e Despesa do CRP-04 à categoria. Mas de todo modo, você fica sabendo o percurso de seu dinheiro: Em dezembro de 1992 as receitas correntes somaram Cr\$ 1.905.797.232,67 e as mutações patrimoniais Cr\$ 62.578.541,00. O total das variações ativas foi Cr\$ 1.968.375.773,67. As despesas correntes alcançaram Cr\$ 1.727.679.977,09 e as despesas de capital Cr\$ 62.578.541,00. O superavit do exercício foi de Cr\$ 178.117.255,58, totalizando Cr\$ 1.968.375.773,67 o valor das variações passivas.



PSICOLOGIA POSSÍVEIS OLHARES OUTROS FAZERES

- Uma obra plural sobre a Psicologia
- Um convite ao confronto de idéias, olhares e fazeres
- Uma publicação do CRP-04

A versão em Belo Horizonte - Centro Cultural Casa do Psicólogo - Uberlândia e Juiz de Fora - Livraria Belas Artes e no CRP-04 com desconto de 50% - vale também para os Esc. Setoriais do Esc. do Santo de Minas Gerais

BASTIDORES DO JP

Ao lançarmos a primeira edição do Jornal do Psicólogo na gestão PSICODIVERSIDADE esperávamos apresentar uma publicação que realmente fosse de encontro aos interesses da categoria. O retorno que já obtivemos até agora tem sido surpreendente e nos estimula a prosseguir com o projeto e a arriscar algumas inovações. A capa é uma delas, reforçando o convite à leitura.

A entrevista deste número é com o psiquiatra Pedro Gabriel Delgado, que vai além da luta pelo direito de cidadania do doente mental: aborda a polêmica questão sobre a responsabilidade dos crimes cometidos pelos chamados "loucos infratores". O assassinato do psicanalista Bernardo Blay Neto, que ocupou as páginas da imprensa, mereceu a atenção do Jornal do Psicólogo e o comentário da colega Nara França Chagas.

A transmissibilidade e a formação em psicanálise também é destacado nesta edição. Na página 9 o leitor vai encontrar o artigo de Lúcia Montes, uma produção estimulada pelo texto apresentado na coluna do CR Drawin no número

A votação do projeto Paulo Delgado, que deve acontecer agora em 1993, em oposição ao de Lucídio Portela, pressupõe confronto de forças e de pressões. Quem é a oposição? E como tem sido a pressão do outro lado?

Tem as tradicionais, que são as associações de clínicas privadas. Mas também uma que eu reputo muito importante são certas neo-corporações de familiares, que se organizam como movimentos de fato corporativos, que dizem precisar das clínicas privadas e que não podem conviver com os pacientes em casa, que não têm condições etc. E eu acho que corresponde a um problema verdadeiro. Mas que está sendo nitidamente utilizado também pelos próprios hospitais, onde estas entidades costumam se reunir. Nós temos feito no Movimento de Saúde Mental do Rio um esforço de abrir uma negociação sistemática com esses familiares. Queremos mostrar para eles que o projeto de reforma psiquiátrica é maior que o projeto Paulo Delgado. O que eu tenho discutido com os familiares que são contrários ao projeto - porque existem familiares favoráveis - é que nós não queremos abandonar os pacientes. Nossa proposta, ao contrário, é ter um cuidado mais intenso e mais eficiente.

E quais são os outros grupos contrários ao projeto Paulo Delgado?

O terceiro grupo é um importante segmento formado pelos próprios psiquiatras. São contrários principalmente à questão da internação voluntária - regulamentação esta que existe em todo país civilizado do mundo - porque contraria a liberdade de decisão do psiquiatra. Esse parece ser o maior problema. Ou então algum psiquiatra que tem alguma relação de solidariedade empresarial ou histórica em relação ao emprego com as clínicas privadas porque acham que o projeto pretende acabar imediatamente com essas clínicas, o que não vai. Ele vai congelar o número de leitos no número que está.

Pedro Gabriel Delgado é psiquiatra e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É autor do livro "As Razões da Tutela: Psiquiatria, Justiça e Cidadania do Louco no Brasil". Em novembro do ano passado Delgado participou da mesa-redonda "Psicologia e Exercício da Cidadania" promovida pelo CRP-04 e, na ocasião, concedeu entrevista ao Jornal do Psicólogo. Além de abordar a exclusão e o autoritarismo desta moderna sociedade, discute a cidadania e a responsabilidade por crimes cometidos pelo chamado "louco infrator".



Há ainda mais opositores?

Sim. Boa parcela da opinião pública, extremamente manipulada pelos meios de comunicação. A opinião pública é tarefa nossa.

Realmente a mídia tem um papel fundamental na formação de opinião, mas historicamente, a sociedade, não só aqui, como de qualquer lugar do mundo e em qualquer época, exclui os indesejáveis. Mesmo que o Projeto Paulo Delgado seja aprovado, como mudar isso? Como quebrar esse preconceito?

Essa tarefa é muito longa, muito difícil. E acho que não é só em questão do paciente. A sociedade é muito preconceituosa. Dos grandes países o caso do Brasil é notável pela diferença social massacrante entre as pessoas. E este é um impedimento estrutural para se pensar a questão da exclusão, do manicômio. É uma sociedade extremamente autoritária, conservadora, preconceituosa, segregadora. Nossa tarefa, enquanto trabalhadores de saúde mental, é denunciar isso e apontar alternativas. Mas mudar o conceito que existe no imaginário popular sobre o papel dos manicômios é uma tarefa muito longa porque é mudar uma cultura altamente enraizada, que é tomada como verdade de fato, verdade caucionada pela Psiquiatria, pela Ciência, é caucionada pela Justiça, pelo senso comum... Todos os caminhos levam à aprovação do manicômio. É uma instituição que tem apenas 200 anos, manicômio enquanto tal, médico, medicalizado, instituído, disciplinador, e que fez sucesso absoluto no mundo inteiro, mas cuja desconstrução está sendo feita com muito êxito em vários lugares.

Em Trieste, na Itália, foi instituído um modelo há 13 anos que permite o convívio social do doente mental. Qual a relação da Justiça em Trieste em casos como o do doente mental que pratica um crime, um caso complicado ainda, inclusive neste novo modelo?

Eles não conseguiriam, há um instrumento legal. Não conseguiram acabar com esse dispositivo. É um programa em andamento. Conseguiu-se diminuir a ocupação dos manicômios judiciais. Mas não conseguiram acabar com eles.

Qual seria a alternativa? Como se faz lá na Itália, no Brasil, ou em qualquer lugar do mundo para esse tipo de caso? Afinal, o louco deve ou não responder por um crime que cometeu?

Essa é uma questão muito complicada. Uma das possibilidades é pensar que

ninguém é completamente inimputável. Você pode pensar a doença mental como atenuante. Outra possibilidade é levar a sério o que a lei prevê. Se a lei é para proteger, então está bom, então ele vai ser tratado. E ser tratado não significa ser confinado. Tem um caso interessante que uma pessoa de Belo Horizonte estava discutindo comigo há algum tempo sobre um paciente que cometeu um crime muito grave. E na semana passada (meados de novembro de 1992), em conversa com essa terapeuta que é psiquiatra, ela me contou que foi ao juiz e disse a ele que o paciente estava no programa de tratamento e que estava melhor etc. E o juiz autorizou que ele continuasse o tratamento em liberdade. Ele é um psicótico grave. Claro, tem o risco social e tudo mais. Mas se a pessoa é inimputável e tem que fazer o tratamento, não é, necessariamente, pelo confinamento. E o argumento é sempre pela defesa social. Como deixar esse cara? É o conceito de periculosidade, que contamina permanentemente essa idéia de loucura, da instituição da loucura.

É um motivo para aumentar a resistência da sociedade...

Eu vejo duas alternativas porque o risco e a defesa social são uma questão-chave aí. Tratado não quer dizer confinado. O juiz pode dizer que o doente mental tem que fazer tratamento e o psiquiatra determinar que vai ser uma vez por semana. Outra possibilidade é a doença mental ser vista como atenuante. O Altusser queria ser julgado. Até para ele poder argumentar e não ser tirado inclusive do rito processual, sem processo, sem registro. São idéias que ocorrem a respeito do que a gente tem discutido e pensado. Posso falar em mudança do Código Penal aqui no Brasil. Uma das coisas que podem ser feitas é mudar um artigo do Código Penal, o 97, que praticamente obriga o louco infrator a ficar internado no manicômio. A gente pode tirar a palavra "internação" e falar "tratamento". E tratamento não precisa ser, obrigatoriamente, internamento. Mas esse é um debate que a sociedade tem que fazer. É um debate sobre a questão do risco. Se o fato de você se sentir ameaçado te autoriza a privar as pessoas que você considera ameaçadoras à liberdade. É uma discussão profunda. É sobre o modelo de sociedade que a gente quer e o modelo de cidadania.

E por acaso a sociedade quer deixar os doentes mentais nas ruas, os menores?

Quer nada. Quer recolher e pôr nas instituições totalitárias. Se você propuser que não haja instituições totalitárias, tudo bem, nós temos que propor o fim delas. Mas nós temos o dever, para que essa utopia da sociedade sem as instituições totalitárias possa funcionar, de apontar caminhos, de apontar soluções, usar a criatividade e a coragem de propor coisas meio malucas porque de certa maneira a loucura permite você sair desse império absolutamente esterilizante da razão. Dessa razão, com itinerários pré-definidos, engendrando destinos muito rigidamente traçados para as pessoas. Então os loucos têm que ficar aqui, os mendigos têm que ficar ali, os menores lá. Não é à toa que esse debate sobre a loucura provoca tanto nervosismo nas pessoas. É que de fato a gente está tocando numa coceira fundamental: a forma que temos organizado nossa sociedade sob o império dessa razão triunfante está se revelando de certa maneira muito limitada. Não vou dizer um fracasso, mas muito limitada. Nós estamos entrando no terceiro milênio, nós temos que repensar tudo. As cidades, por exemplo, como modelo de sociabilidade, está em crise no mundo inteiro, não é só aqui no terceiro mundo pobre. A questão da violência urbana é um problema que ocorre em todos os lugares. É um problema que aponta para uma espécie de falência estrutural para o modelo das cidades também. Tudo isso está implicado. A solução do tipo proliferação das instituições totalitárias parece razoável, convence as pessoas porque atende diretamente ao medo, atenua o medo das pessoas, mas é um erro, um erro. E é muito recente. As instituições todas, no mundo inteiro, têm quatrocentos anos. O mundo está vivendo de forma trepidante.

E esta causa pela qual você luta, em nome do doente mental - que na verdade é pela libertação do ser humano - você a considera uma utopia?

Eu considero uma utopia mas eu acho que sem utopia você não faz nada. A própria palavra utopia deve ser pensada assim: aquilo que não está em lugar algum. O que remete à necessidade de construir o lugar. Então quando se fala na utopia de uma sociedade sem manicômios, você fala da construção de uma outra sociedade, de um outro lugar. Por isso não está em lugar algum. Mas é uma maneira também de romper com essa passividade meio geográfica na qual o sujeito do individualismo gosta de se colocar: "eu estou aqui e o mundo está lá; as coisas estão aí, a natureza, tudo está definido e tal". eu acho que é uma utopia no sentido - eu chamo até de utopia ativa - que vai sendo construída lentamente. Acho que em muitos lugares essa proposta de superação do manicômio está se mostrando eficiente, superando inclusive a simples utopia. Acho que a criação de uma sociedade que permita que a questão da Cidadania não seja restrita à um certo tipo de cidadão, que tem que ser branco, maior, solteiro, vacinado e racional, tem que ser perseguida. Não tenho medo da palavra utopia. Temos que ser operários da utopia.

Você acha que o Projeto Paulo Delgado passa ou não passa no Senado? Com tanta resistência, família, psiquiatras, opinião pública...

Passa.

Tem muita gente contra...

Tem muita gente contra. Mas nós temos razão.

* Louis Altusser - Filósofo francês, autor do livro "O futuro dura muito tempo". Nesta obra ele narra como assassinou sua mulher e discute a regra a inimputabilidade.

Viúva diz que matou psiquiatra por amor

Ela foi interrogada por 3 horas, disse que estava apaixonada e tinha sido rejeitada pelo médico, com quem fazia terapia havia 6 anos

Marcelo Faria da Barros

A viúva Marília Gonzaga de Aranha Campos, de 70 anos, confessou ontem à polícia ter assassinado o médico psiquiatra Bernardo Blay Neto, de 74, na última quinta-feira, porque estava apaixonada e tinha sido rejeitada por ele. Ela apresentou-se ontem no 14º Distrito, em Pinheiros, às 13h15, acompanhada do criminalista Valdir Troncoso Peres.

“Eu e doutor Blay mantínhamos um relacionamento amoroso através de emanções telepáticas, que me levavam a ter vários orgasmos durante a noite”, explicou Marília, que há seis anos fazia terapia com o psiquiatra. “Há três meses senti que ele estava se envolvendo afetiva e telepaticamente com outra mulher e por isso decidi matá-lo, por não suportar a rejeição”.

Marília foi interrogada durante três horas pelo delegado Reinaldo Corrêa e indiciada por homicídio qualificado, cuja pena é de 12 a 30 anos de prisão. Fez questão de ressaltar o fato de ter matado Bernardo Blay Neto por sentir-se desesperada e não correspondida no amor que sentia por ele.

“Quando ele iniciou seu envolvimento com a outra mulher através de pensamentos, comecei a sentir uma forte depressão e muita dor”, contou Marília ao delegado, sem identificar o nome de sua suposta rival. “Com ele eu me sentia uma fera ou uma idiota e foi como fera que resolvi matá-lo”.

Cinco filhos - Marília disse ter ficado casada durante 35 anos com o médico dermatologista José Aranha de Arruda Campos, com quem teve cinco filhos - quatro homens e uma mulher. Um ano depois da morte do marido, em 1978, começou a se relacionar com o sogro de uma sobrinha, de nome Ernesto. Dois anos depois se separaram.

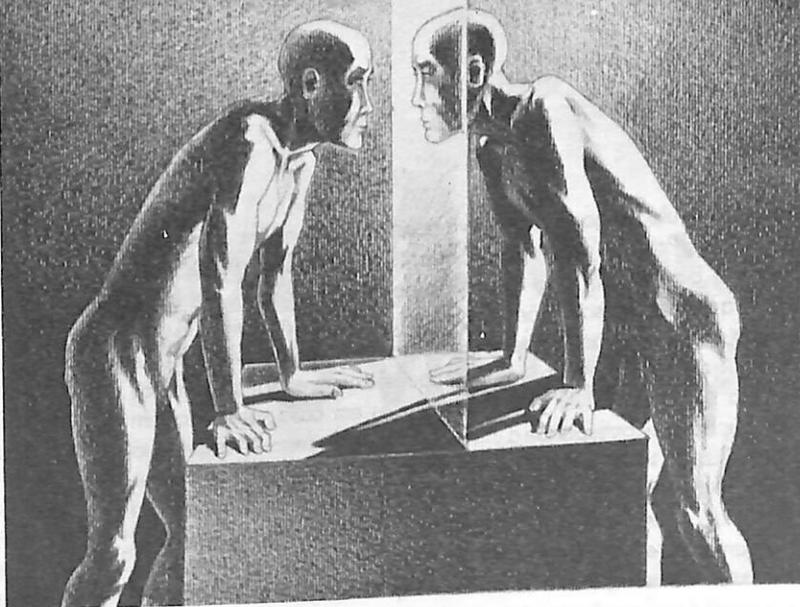
“Nós vivemos bem durante um certo período, até que apareceu uma mulher de nome Lúcia e começou a fazer trabalhos de macumba e a jogar telepaticamente despachos sobre mim, para me afastar do Ernesto”, contou. “Fiquei muito desesperada e procurei vários terreiros de umbanda para tentar quebrar os trabalhos de Lúcia”, relatou.

Em 1984 conheceu outro homem, de nome Gilberto, com o qual acabou se casando no religioso em janeiro de 1985. O novo relacionamento terminou em 1988 pelo mesmo motivo. Ela acusou uma parente do marido de fazer trabalhos para separar os dois, tornando “sua vida conjugal um inferno”.

Terapia - Antes de separar-se, o casal começou a frequentar o consultório de Blay. Ela e Gilberto passaram a fazer sessões semanais de terapia. Nesse período, segundo Marília, começou a ter emanções telepáticas do psiquiatra, quando ele teria ordenado que ela abandonasse o marido. Marília morava sozinha num apartamento da rua Gabriel Monteiro da Silva, nos Jardins. Ela chegou a confessar sua paixão ao psiquiatra, mas ele teria dito que via a situação de outra maneira.

Em dezembro, Marília comprou uma arma. Em janeiro, tentou matá-lo duas vezes. Na primeira, ficou escondida em frente à casa do médico. Na segunda, no consultório. Nas duas vezes acabou desistindo. No dia 14 de janeiro, quinta-feira, retornou ao consultório em Pinheiros, na Zona Oeste. A princípio, quis convencer o médico a consultá-la. Blay mandou que ela marcasse uma consulta. Entraram no consultório. Ela então disparou a pistola semi-automática duas vezes, um tiro acertou o coração e outro o rosto do psiquiatra.

O Estado de S. Paulo - 19/jan/93



Psicanalista propõe reflexão ética a partir da morte de Bernardo Blay Neto

Nara França Chagas

“A vida do psicanalista não é cor de rosa”, diz Jacques Lacan, referindo-se ao dito de um analisando.

O fato que vamos comentar ilustra de forma trágica essa afirmação, trazendo um exemplo típico de transferência psicótica e, paradoxalmente, um momento raro na clínica psicanalítica.

A morte de Bernardo Blay Neto, nome ilustre da Psiquiatria e da Psicanálise brasileiras, foi um fato noticiado em todos os grandes jornais do país. A consternação e pesar que o fato provocou tiveram um impacto ainda maior dadas as circunstâncias em que ocorreu: a paciente, incapaz de distinguir ficção e realidade, faz uma passagem ao ato, matando, no desespero do amor não correspondido, seu psiquiatra.

A partir desse episódio, vamos propor uma reflexão sobre alguns problemas cruciais da clínica psicanalítica: a transferência, o lugar do psicanalista e a postura ética com a qual ele está comprometido.

É interessante destacar que, mesmo no desvario do ato psicótico, a paciente citada ressalta que Blay não correspondia ao seu amor e teria dito que “via a situação de outra maneira”. Essa “outra maneira” nos remete à experiência freudiana, estruturada por algo de artificial que é a relação analítica, tal como ela é constituída, isto é, pelo discurso do paciente e pelo que o analista faz desse discurso. Esse é o modo operatório fundamental e a partir daí, estabelece-se a situação analítica.

Quando o paciente nos procura, ele tem uma demanda. Sob diversas formas essa demanda se apresenta, sob diversas roupagens ela se mostra, mas poderíamos, em poucas palavras, defini-la como uma demanda de amor. O paciente sofre e procura alguém que ele acredita poder ajudá-lo, convencido de que o analista sabe uma verdade oculta sobre ele, paciente, que ele próprio ignora. A demanda de amor é consequência dessa suposição.

O trabalho analítico não vai satisfazer a essa demanda, mas, dirigí-la na busca de um saber sobre o inconsciente, para que o sujeito possa se defrontar com sua própria posição em relação ao Outro, permitindo-lhe sair de uma posição neurótica, fantasmática e assumir uma forma criativa na vida. Ao final do processo analítico, o analista se torna um resto, sem função e o analisando, apropriando-se de seu saber, de seu destino, poderá viver de maneira mais livre e criativa. Ao final de uma análise, o analista não serve mais. Seu lugar não se eterniza, sua vida não é cor de rosa. Ele se tornará descartável, permitindo que o paciente se vá.

Para que isso aconteça, Freud recomenda aos analistas uma atitude de “neutralidade benevolente”, exigência para o exercício da função que irá permitir ao analisando abrir caminho ao inconsciente. Essa neutralidade supõe que o analista abdique das necessidades e demandas pessoais e assuma o lugar do objeto, lugar vazio, onde o operador é o desejo do analista.

A análise não é uma relação de intersubjetividade, de correspondência amorosa. Se isso ocorre, a análise fracassa. Nos casos em que o analista se envolve

amorosamente com o cliente, ele se vê impedido de continuar o trabalho analítico.

A função do analista é interpretar, colocando-se à disposição do paciente enquanto objeto transferencial. A satisfação de anseios pessoais, das carências amorosas do analista dentro da situação analítica levam à perversão do processo. Ao invés de permitir a manifestação do inconsciente através da associação livre, essa perversão do processo provoca o tamponamento da falta e o bloqueio das manifestações do inconsciente na linguagem.

A situação analítica é outra coisa, é “outra cena” e isso, mesmo a paciente psicótica, no auge da vivência delirante, ainda ressalta.

No paciente neurótico existe o conflito com a realidade, mas o que ocorre é uma evitação, uma fuga, na qual a realidade sacrificada é uma parte da realidade psíquica. Essa parte sacrificada da realidade se faz ouvir de outra maneira, de maneira simbólica. A neurose faz ressurgir uma significação particular, um sentido secreto, a que chamamos simbólico.

O neurótico suporta conviver com essa “outra cena”, que é a cena analítica e pode utilizar-se dela para seu benefício.

Na psicose, a realidade faz-se um buraco que o delírio vai tentar preencher. Há uma ruptura na estrutura da realidade externa e a vivência delirante vai tentar dar conta dessa ruptura. Há uma falha no processo de simbolização e o que é rejeitado no simbólico reaparece no real. O psicótico não quer saber do recalque, para ele a única realidade é a do seu delírio e o analista ocupa o centro desse delírio.

No caso da paciente de Blay, encontramos uma vivência delirante típica da psicose, onde as realidades, externa e interna, se confundem, levando à passagem ao ato homicida. O objeto de amor torna-se odiado e a paciente se vê confundida entre a ficção e a realidade.

Paradoxalmente ela afirma que matou por amor. A cena analítica torna-se palco do delírio e o amor de transferência, transformado em ódio, dirige a cena.

Em “Direção da cura e os princípios do seu poder” Lacan assinala que o analista paga um preço pela tarefa a que se propõe: paga com palavras, através da interpretação e paga com sua pessoa, quando empresta seu corpo como suporte aos fenômenos singulares que a análise põe a descoberto, com a transferência.

A morte de um analista, no exercício digno de sua profissão, pode ser um ponto de partida para uma reflexão sobre a nossa prática e nosso compromisso ético com os pacientes e com a própria Psicanálise.

A autora é psicanalista e fundadora do Instituto de Estudos Psicanalíticos e da Sociedade Mineira de Psicanálise. Tem diversos artigos publicados no Brasil e no exterior.

AIDS E VIDA

Estudo clínico psicanalítico com pacientes HIV

Cláudio Vital de Lima Ferreira*

O presente artigo apresenta algumas idéias desenvolvidas em nossa Tese de Doutorado em Saúde Mental, defendida no dia 20 de novembro de 1992 na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

O vírus da Aids e todas as consequências daí decorrentes trouxeram novos desafios para os profissionais da área de saúde, entre eles o psicólogo, que tem sido cada vez mais requisitado a dar a sua contribuição.

Fazemos parte de uma equipe multidisciplinar que há cinco anos é responsável pelo acompanhamento psicológico dos pacientes infectados no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia. Esse trabalho favoreceu o desenvolvimento do estudo que empreendemos com quinze deles.

Na introdução de nossa pesquisa, desenvolvemos sete capítulos, nos quais abordamos assuntos relacionados com o tema. No primeiro capítulo, trazemos informações técnicas sobre o vírus, tais como riscos de transmissão, processo evolutivo do vírus dentro da célula, principais doenças decorrentes etc.

No capítulo dois, sob o título "A Aids e a morte", a angústia da morte, tão presente em nossa vida e tão evitada na nossa sociedade, é abordada dentro de uma retrospectiva histórica.

A Aids trouxe e infelizmente continuará a trazer sérios problemas à saúde pública. A partir de algumas idéias da pesquisadora Asa Laurell, procuramos compreender o processo saúde-doença na Aids. Além disso, algumas hipóteses são levantadas, a nível histórico, sobre o surgimento dessa epidemia nesse final de século XX: é o tema do capítulo três.

Diversas experiências efetuadas nas últimas décadas mostram a relação existente entre situações emocionais e o sistema imunológico. Criou-se até um ramo específico da ciência para estudá-la. É a psiconeuroimunologia. A importância dessa área de estudo da Psicologia diante do problema da Aids é destacada no capítulo quatro.

No capítulo cinco, intitulado "O paciente frente à Aids e à morte" estudamos alguns mecanismos psicológicos utilizados pelos pacientes, bem como estados psicológicos vivenciados por eles durante a evolução do processo patológico.

No capítulo seis, a partir de um texto clássico de Freud, estudamos no paciente com Aids a utilização de três mecanismos psicológicos, quais sejam: negação, luto e melancolia.

No último capítulo da introdução, revisamos um pouco da história da sexualidade humana a partir de textos de Foucault e Ruffié: a utilização de conceitos emprestados da Igreja para

o controle da prática sexual, com forte interesse do capitalismo; a reutilização, no presente momento, dos mesmos conceitos religiosos visando reestabelecer o controle perdido sobre práticas sexuais, a partir do discurso da Aids.

Com metodologia clínica e referencial teórico psicanalítico, analisamos material clínico de quinze pacientes HIV. Em função do que pretendíamos estudar, optamos pelo método clínico, uma vez que não tínhamos preocupações quantitativas e sim qualitativas. Essa epidemia, e com ela todas suas consequências pessoais e sociais, leva todo o paciente, independente da idade, a se defrontar com angústias primitivas, principalmente a angústia da morte.

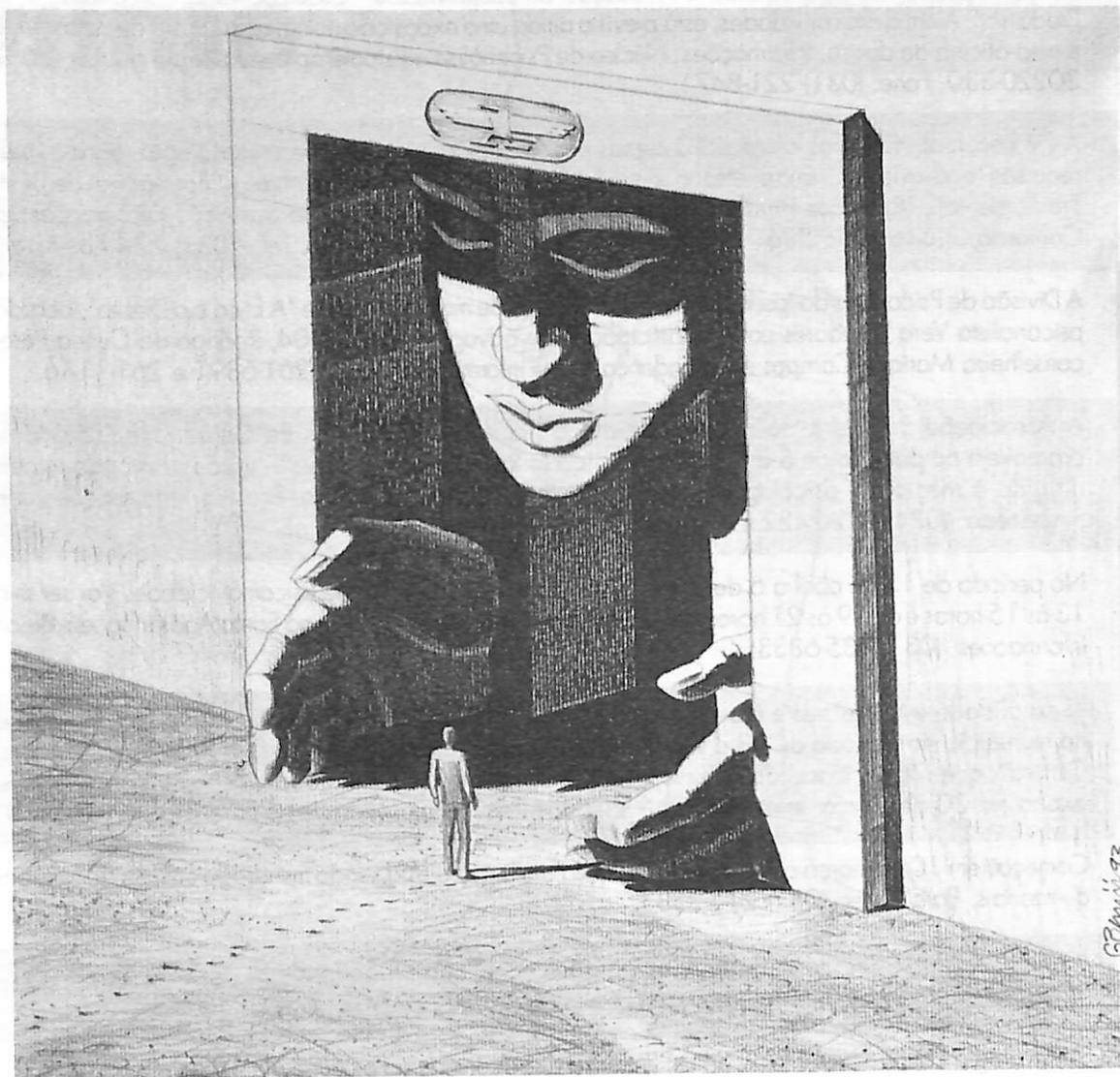
Nos pacientes estudados constatamos que o HIV não foi um acidente em suas vidas. Ao contrário: foi buscado em função de conflitos e culpa infantis. Tais conflitos, relacionados com o complexo de Édipo, fez com que muitos deles buscassem na Aids um instrumento de sua solução. Muitas vezes a aproximação com as figuras primitivas se concretizou através de um maior contato com a religião.

Ao contrário do que costuma ser

apregado pela imprensa leiga, os pacientes experimentam uma melhora na qualidade de vida bio-psico-social. Houve um crescimento efetivo em suas relações familiares. Constatamos que as pessoas que possuem laços afetivos com o paciente tendem a aceitá-lo quando ficam sabendo do diagnóstico. Comportamentos de rejeição, quando se dão, provêm de pessoas sem laços de afeto com o paciente.

O conteúdo do material clínico analisado forneceu subsídios que sinalizam pela confirmação das três hipóteses levantadas. Na primeira delas, afirmávamos que os pacientes HIV positivo temiam mais a forma de evolução da doença e suas consequências sociais do que sua letalidade. Na segunda, afirmávamos que a Aids em pacientes provenientes de grupos cujo comportamento é recriminado socialmente - homossexuais e drogaditos - é vivenciada como uma doença merecida, por sentirem culpa.

Na terceira e última hipótese afirmávamos que, como decorrência de uma reorganização de seus hábitos, há uma melhora na qualidade de vida do paciente com o vírus da Aids, quando este se permite a aceitar o diagnóstico e continuar a viver.



O psicólogo Cláudio Vital de Lima Ferreira é Mestre em Psicologia Clínica, Doutor em Saúde Mental e professor adjunto do Depto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Endereço do autor: Caixa Postal 3035. CEP 38400-000 - Uberlândia-MG. Fone: resid. (034) 232-5085. Univers.: (034) 212-2111, ramal 235. O CRP-04 dispõe de cópia da tese para consulta ou reprodução do material.

UNIVERSIDADE

Primeira Jornada Mineira Felix Guattari - Dedicado a todos aqueles que desejam se aproximar das contribuições do psiquiatra, psicanalista, escritor e militante político Felix Guattari. Acontece no período de 26 a 28 de março de 1993 em Belo Horizonte. A abertura está marcada para as 19:00 horas do dia 26, no auditório do BDMG - rua da Bahia, 1.660 - Lourdes. E nos dias 27 e 28 o evento acontece no Instituto de Educação - rua Pernambuco, 47, centro. Apoio: CRP-04

O Comitê Organizador da Primeira Jornada Mineira Felix Guattari é formado por Gregório Franklin Barembli e por Magda Chamon. Na programação, mesas-redondas com os seguintes temas: "As imagens do Pensamento: Esquizoanálise e Saber"; "Bárbaros Selvagens e Civilizados - Esquizoanálise e História"; "A Revolução Molecular - Esquizoanálise e Micropolítica"; "A Produção da subjetividade - Esquizoanálise, Psicanálise e Inconsciente Produtivo". Além destas atividades, está prevista ainda uma exposição coletiva da Escola de Belas Artes da UFMG e uma oficina de dança. Informações: Núcleo de Psicanálise e Psicoterapia - rua Alípio Goulart, 26 - Serra - CEP 30220-330. Fone: (031) 221-8471.

A FV Recursos Humanos oferece 13 cursos conduzidos dentro de uma metodologia teórico-vivencial, com recursos audiovisuais. Entre eles o de "Administração de Treinamento", "Formação de Instrutores de Treinamento", "Relações Humanas na Empresa", "Relacionamento Interpessoal". Informações: avenida do Contorno, 2.646 - sala 506 - CEP 30110-080, Belo Horizonte (MG). Tel.: (031) 224-7358.

A Divisão de Psicologia do Ipsemg promove no dia 19 de março o debate "A Ética e o Direito", coordenado pela psicanalista Vera Valadares com a participação do advogado do CRP-04, Rodrigo da Cunha Pereira, e pela conselheira Mariana Campos de Mendonça. Mais informações: (031) 261-6891 e 261-1146.

A Associação Brasileira de Psicogeriatrics e a Sociedade Brasileira de Geriatrics e Gerodontologia/DF promovem no período de 6 a 11 de abril o "curso Residencial intensivo" - saúde mental da terceira idade", dirigido à médicos e psicólogos. Acontece no Instituto Israel Pinheiro, Brasília. Informações com Sumaya Figueiredo: (034) 312-2422 e 332-9830.

No período de 13 de abril a 6 de julho vai ser promovido um curso de Psicomotricidade. Vai ser ministrado de 13 às 15 horas e de 19 às 21 horas na rua Bernardo Guimarães, 2.598, no Santo Agostinho, em Belo Horizonte. Informações: (031) 335-6833.

"Sexualidade e Morte": este é o tema central do 1º Congresso de Psicanálise de Juiz de Fora que acontece no município no período de 18 a 20 de junho. Como subtemas, "O mal-estar da sexualidade" e "Pulsão e Cultura", que vão ser discutidos em mesas-redondas. O prazo para apresentação de trabalhos e temas livres expira em 30 de março. Informações: Sociedade Psicanalítica de Juiz de Fora (032) 212-3773.

Começou em 10 de março o curso sobre Terapia Familiar que está sendo ministrado em Juiz de fora em encontros quinzenais. Para saber: (032) 215-2583.

O 14º Congresso Brasileiro de Análise Transacional (Conbrat) acontece no período de 24 a 28 de agosto próximo em Vitória (ES). Informações com Jussimar: (027) 227-0213 ou 325-2371.

A Psicologia Educacional é tema de um Encontro que acontece no próximo dia 18 de março em Belo Horizonte, no Colégio Promove da Savassi. Em debate, a Psicologia Educacional e Processo Constituinte. Para saber mais ligue: (031) 261-1146. Uma promoção do CRP-04.

No dia 24 de abril próximo o CRP-04, através de sua Câmara de Formação Profissional, promove reunião com professores dos cursos de Psicologia de Minas e Espírito Santo e representantes dos Diretórios Acadêmicos. Em discussão: A Formação do Profissional Psicólogo no Brasil. Local: Noviciado da Santíssima Trindade - Rua Madre Cândida, 241 - Vila Paris, Belo Horizonte. Informações: (031) 261-1146.

A Câmara de Psicologia Organizacional do CRP-04 está programando para o mês de maio um encontro entre as clínicas e empresas prestadoras de serviços de Psicologia. No evento vão ser abordados temas de alta relevância e interesse deste segmento da categoria. Aguardem novas notícias.

Começa em março em Governador Valadares o curso sobre "Análise Institucional" que será ministrado pelo psicólogo de Belo Horizonte William César Castilho. Maiores informações com a psicóloga Nélis Lúcia Silva (0332) 271-6961.

Cartel: o inédito grupo de trabalho formalizado por Lacan em mesa redonda. Data: dia 25 de março, às 20h no auditório da ex-Fafich, na rua Carangola em Belo Horizonte. Contato: Lúcia Montes, telefone 223-4772.

A G E N D A

CLASSIFICADOS

O *Jornal do Psicólogo* está reservando um espaço para você, psicólogo inscrito no CRP-04, anunciar gratuitamente oferta de consultórios, sublocação etc, exceto para divulgação de seu trabalho. Para incluir anúncio nesta coluna basta enviar um texto de duas linhas datilografadas de 72 toques ao CRP-04. Este espaço está aberto a todos os profissionais de Minas e do Espírito Santo.

• **PRECISA-SE** de estudante de Psicologia para trabalhar em consultoria de Recursos Humanos na Savassi. Carga horária: 20 horas. Falar com Ana Maria: (031) 225-9455.

• **CONSULTÓRIO DE PSICOLOGIA** - Sublocação. Rua Rodrigues Caldas, 670/705 - Edifício Monfechiaro. De 08:00 às 21:00 horas. Tratar com Catarina ou Lívia: 446-2662.

• **SUBLOCA CONSULTÓRIO** - Psicopedagogia/ Psicoterapia para adultos e crianças na região Floresta-Centro. Tratar com Deborah: 442-5398.

• **SUBLOCA-SE** - Consultório de Psicologia à rua Felipe dos Santos, Lourdes, próximo à Faculdade de Farmácia. Tratar com Nádia: (031) 371-1815 após as 20 h.

• **CONVÊNIO** - A Associação dos Funcionários da Sadia solicita aos psicólogos interessados em estabelecer convênios que enviem, o mais rápido possível, currículo contendo os seguintes itens: tempo de experiência em clínica; regularidade com o Conselho; cursos; experiências profissionais; processo terapêutico, supervisão, abordagem teórica, aperfeiçoamento e comprovantes dos cursos e experiências profissionais. Informações com Magda Cardoso: (031) 491-1080.

Promoção cultural Milvezum, a mais antiga das histórias

Gilgamesch foi o precursor de todos os grandes heróis. É o principal personagem da primeira história escrita da humanidade, feita há 5 mil anos. Ele é um ser dividido entre os poderes divinos e a mortalidade humana que, ao longo de seu percurso, vai se deparando e descobrindo importantes sentimentos da vida.

"Milvezum" é a mais antiga das histórias e é também o espetáculo teatral que estreou no último dia 6 de março em Belo Horizonte. Pela segunda vez em cartaz na cidade, a peça é dedicada ao público infantil, mas não há adulto que não se renda ao encanto do mito ou ao privilégio de conhecer a mais antiga história escrita de que se tem notícia.

O espetáculo é uma montagem do grupo Circus Pocus, que há oito anos se dedica ao teatro, dança e bonecos. No elenco, Fernando Mencarelli, Luisa Melo e Rodrigo Campos, que também assina a direção. A peça está em cartaz no Teatro Francisco Nunes Parque Municipal - até 2 de maio, sempre aos sábados e domingos, às 16:30 horas.

Opsicólogo que apresentar a carteira profissional na bilheteria tem desconto especial de 20%. Uma promoção do CRP-04.



DISQ FREUD

BH (031) 330-5000 - Bip JLM
RJ (021) 222-3156

Metade do preço. Confira!

Português 24 vols.

Editora Imago

Castelhano 25 vols.

Editora Amorrortu

Espanhol 3 vols.

Editora Nueva

Nova Edição, Nota fiscal,
Garantia

Atendemos a todos os estados
Entregamos a domicílio
Horário: comercial

A autora deste artigo é psicóloga, membro associada do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais e pós-graduada em Psicologia Clínica pela Universidade de Paris V.

Leolo, o filme

Sandra Soara Kruel

"Eu não o sou, porque sonho". Leo sonha em ser Leolo. Como Leolo, sonha escapar ao destino familiar, destino ao qual vê seus irmãos sucumbirem um a um.

Enquanto na tela Leolo sonha estar na generosa e ensolarada Itália, a platéia que assiste ao filme é embalada a sonhar também. Sonhe, é bom sonhar, parece ser a mensagem do filme. E nós, espectadores, somos tomados por uma vã esperança de que Leo possa se tornar Leolo, isto é, que possa mudar seu destino.

Assistimos como que "sem sentir", sem querer avaliar muito bem as consequências, desfilam à nossa frente uma sucessão de cenas chocantes de miséria humana. Num crescendo do início para o fim, o filme mostra cenas de brutalização entre crianças, comercialização do sexo, drogas, diante das quais os sonhos ameaçam esvanecer. A indigência social dos personagens só não é maior do que sua indigência cultural e a pequenez de suas vidas se motiva mais daí do que da pobreza propriamente econômica. Um sistema educacional falido e um sistema hospitalar fechado e segregador fecham o quadro de horrores onde o ler, o escrever e o sonhar de Leo não encontram lugar.

O amor e a sexualidade sofrem degradações sucessivas e se sustentam precariamente na fronteira com o grotesco.

De forma alegórica vemos desfilarem três personagens que tentam modificar o ambiente.

Assistimos a um pai, obeso, morador de um cortiço, de saúde precária e de mentalidade estreita, embrutecido pelo trabalho massificante e sem perspectiva, tentar controlar da forma a mais absurda possível o fluxo do intestino de seus filhos, elevando a "bosta" produzida à dignidade de obra de arte. Vã tentativa de assegurar a regulação da "merda" generalizada em que está submergida sua vida. Por essa via só pode surgir, na melhor das hipóteses, a repugnância de uma coleção de insetos...

Com o irmão, Leo aprende a transformar em poucos tostões a enorme quantidade de lixo que campeia por todo o bairro, ruas e mar.

O lixo é o que enche quase todos os cenários do filme de forma cons-

tante e obstrutiva. Fora as canções italianas da vizinha amada e a culinária da mãe, as referências culturais do filme são tiradas do lixo - jornais, a coleção de discos, fotos.

É do lixo que o "domador" tira as folhas amassadas em que lê a estória de Leo. É ele que introduz o livro na casa de Leo enquanto come as tortas de maçã da mãe; é ele que faz o apelo ao professor da escola para que este leia o que Leo escreve.

O "domador", curioso personagem, é catador de lixo ou curador de museu? No início do filme ele lança

o preceito ético: "É preciso sonhar!" Como é que ele pode enunciar isso e ao mesmo tempo aceitar ficar catando lixo? É preciso sonhar para não ver o "lixo" à nossa volta? Ou é preciso sonhar justamente para acabar com a miséria e a indigência?

É o "domador" que nos indica a saída. O que é que o domador doma? O domador transforma lixo em literatura, sonha o sonho que foi jogado fora... Em linguagem psicanalítica, podemos dizer que o lixo é o que, forcluído do simbólico, reaparece no real, assombrandonos com sua presença ali onde ele

não era esperado. E diante do real, o que fazer senão "domá-lo" pelo simbólico? Eis a ética.

Como o "domador", é preciso que sonhemos o sonho de Leo, que sonhemos em transformar um cortiço em bela Itália (lembramos de Roma, o "berço da civilização"). No fim do filme Leo já não sonha mais, mas seu sonho persiste para o "domador" que aparece rodeado de obras de arte empoeiradas. Para nós também, Leolo, o filme, existe e persiste como sonho coletivo de valorização da cultura como força de resistência para a vida.



Betim

Tradicionalmente os cargos públicos são ocupados por homens egresos, na maioria das vezes, dos cursos de Direito, Economia ou Administração. Os tempos parecem os mesmos mas alguma coisa tem mudado. Já assumiu o cargo de prefeita municipal de Betim a psicóloga e professora Maria do Carmo Lara Perpétuo. Ela promete fazer uso de sua experiência profissional como psicóloga para melhoria das condições de vida dos 160 mil habitantes do município. E o que não falta é trabalho. Apenas 30% da população tem saneamento básico e a deficiência de moradia chega a 20 mil casas.

Divinópolis

Eleita no último dia 17 de fevereiro a nova Diretoria da Associação dos Psicólogos de Divinópolis: Maria Ines Silva, coordenadora; Marília Fraga Cerqueira Melo, primeira secretária; Lucina Aparecida dos Santos, segunda secretária; Arlete Marchioni Macedo Diniz, tesoureira. A gestão é de um ano, período em que pretendem ampliar a participação dos psicólogos junto à comunidade.

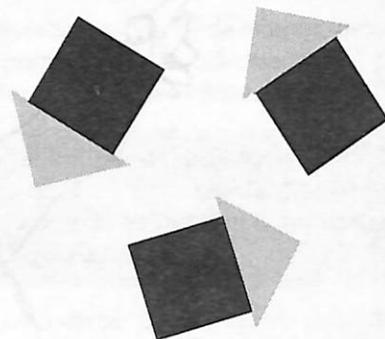
Governador Valadares

O Inconsciente - Centro de Estudos Freudianos, apresenta sua programação para 1993, destinada a todos os que se interessam em aprender e refletir sobre e a partir da Psicanálise. Previsto o seminário "A saúde da criança: uma abordagem psicanalítica", coordenado por Glória Duarte. Início: 15 de maio. Já o tema do grupo de produção e estudo é "Freud e Psicanálise: uma introdução", coordenado por Eliene Nery. Começa no dia 07 de abril e termina em junho.

Também faz parte da programação do "Inconsciente - Centro de Estudos Freudianos" o Psico-Video, espaço de exibição e discussão do filme "Dançando no Escuro", sob a coordenação da

articuladora do CRP-04, Sandra Athyde. Acontece no dia 17 de abril, a partir das 16:00 horas, no Centro de Estudos do Hospital Municipal de Governador Valadares.

O "Inconsciente" promove, ainda, o Espaço Aberto, Oficina de Vivência Musical coordenada por Eliana A. de Lacerda. Acontece no dia 20 de março. Para saber mais sobre toda a programação deste Centro de Estudos Freudianos, é só fazer contato: (031) 271-6471 e (033) 271-1466. Avenida Minas Gerais, 700/112 e 406 - Governador Valadares, Minas Gerais.



Itabirito

A Prefeitura Municipal de Itabirito já definiu suas metas para este ano: decreto 1993 como o Ano Municipal da Saúde. Para tanto, tratou de elaborar e apresentar um projeto - já aprovado pela Câmara Municipal - que prevê, entre outras coisas, incremento na infra-estrutura e melhoria do atendimento. A coordenação do projeto é da ex-diretora do Departamento de Saúde, Cristina Toledo, que já anunciou e divulgou em jornais de grande circulação do Estado, a criação de um hospital-dia para o setor de saúde mental. Está previsto para o primeiro semestre deste ano. Resta saber qual o lugar reservado aos psicólogos.

Patos de Minas

"Psicologia, Ética e Cidadania" é o tema da reunião promovida pelo CRP-04 que acontece no dia 16 de abril em Patos de Minas. A idéia é aglutinar o maior número de profissionais do Triângulo Mineiro. A organização deste fórum de debates está a cargo do Escritório Setorial do Triângulo Mineiro.

Uberlândia

Mulher. É este o objeto de estudo e pesquisa de profissionais de diversas áreas que se dedicam à refletir sobre o tema da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É o recém-criado Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher, ligado ao Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais da UFU que abriga linhas de pesquisas indisciplinadas com um amplo leque temático. Discute desde a política, sexualidade, educação, até a produção literária, artística e científica, além das representações culturais. Para saber mais: (034) 234-7744 ou no Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher - av. Universitário, s/nº, bloco Q - Campus Santa Mônica - Uberlândia, Minas Gerais.

Quem mora em cidades do interior sabe, melhor do que ninguém, da inconveniência de constantes deslocamentos para a capital para resolver pequenas pendências ou problemas que poderiam ser solucionados no próprio município. Mas no entendimento do Conselho Regional de Psicologia 4º Região, o psicólogo tem mais o que fazer. E por isso mesmo decidiu que a partir de agora é o Escritório Setorial do Triângulo Mineiro que se desloca para atender aos psicólogos de Uberlândia.

Ao invés de viagens para a sede do Escritório, em Uberaba, ou à do CRP-040, em Belo Horizonte, o profissional do município pode colocar na agenda os dias e horários em que pode ser atendido na própria cidade. Este serviço vai ser prestado sempre numa sexta-feira de cada mês no período de 13:00 às 17:00 horas, na Universidade Federal de Uberlândia bloco C, 2º andar. O cronograma já foi concluído: 09 de abril, 14 de maio; 11 de junho; 09 de julho; 13 de agosto; 10 de setembro; 08 de outubro; 12 de novembro e 10 de dezembro. Mas não custa nada confirmar antes de comparecer. Informe-se com Ângela, articuladora do CRP-04: 238-1512 e 236-2744.

Prevista para o ano que vem a implantação do curso de especialização em Psicologia Clínica na Univer-

sidade Federal de Uberlândia, que deve atender à grande demanda dessa área no município e região. Este é um dos projetos dos novos dirigentes do Departamento de Psicologia da Universidade, que propõem, ainda, a efetuação de convênios da Clínica e Comunidade. Quem assumiu a chefia do Departamento foi o professor Armando V. Barbosa e como vice, o professor José Chaves, autor do livro "A compreensão da pessoa - Psicologia da personalidade". A coordenação do curso está a cargo do professor Sérgio Kodato e o chefe da clínica é o professor Cláudio Ferreira. Entre as metas da coordenação, destaca-se a reformulação do currículo do curso que se mantém inalterado por mais de dez anos.

Referência Mínima

Às Clínicas e Empresas Prestadores de Serviços de Psicologia. Assunto: Referência Mínima de Honorários. Tabela com valores atualizados para o período de 01 a 31 de março de 1993. O Conselho Regional de Psicologia 4º Região MG/ES leva ao conhecimento de seus inscritos e demais pessoas interessadas o valor da UP - Unidade de Serviços de Psicologia - para o mês de março de 1993:

UP = Cr\$ 7.402,63

Os serviços abaixo descritos passam, portanto, a ter os seguintes valores mínimos para sua prestação:

- Recrutamento:
 - Nível Operacional: 300 UPs = Cr\$ 2.220.789,00
 - Nível Técnico: 450 UPs = Cr\$ 3.331.183,50
 - Nível Superior: 510 UPs = Cr\$ 3.775.341,30

- Avaliação Psicológica: (por laudo)
 - Nível Operacional: 55 UPs = Cr\$ 407.144,65
 - Nível Técnico: 80 UPs = Cr\$ 592.210,40
 - Nível Superior: 100 UPs = Cr\$ 740.263,00

Treinamento: (por hora de atividade) 130 UPs = Cr\$ 962.341,90

Consultoria: (por hora de atividade) 200 UPs = Cr\$ 1.480.526,00

Para quaisquer esclarecimentos que por ventura se façam necessários ligue (031) 261-1146.

HONORÁRIOS

SETORIAIS

Representantes e articuladores do CRP-04 em Minas Gerais e no Espírito Santo.

• Escritórios Setoriais:

- Triângulo Mineiro (ESTM)** - Representante: Vanice de Figueiredo Costa - Rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro. Uberaba - CEP 38010-040 - Tel.: (034) 333-6522.
- Sul de Minas (ESM)** - Representante: Márcio Molerani Swerts - Avenida São José, 988/08, Centro, Alfenas - CEP 37130-000 - Tel.: (035) 921-1439.
- Zona da Mata (EZM)** - Representante: Américo Galvão Nelo. Avenida Barão do Rio Branco, 2.679/810 - Ed. Stela Central, Juiz de Fora. CEP 36010-012 - Tel.: (032) 215-6779.
- Espírito Santo (EES)** - Representante: Maria Tereza da Silva Cardoso - Rua Alberto de Oliveira Santos, 42/1511 - Ed. Ames, Vitória, Espírito Santo. Tel.: (027) 222-7394.
- Articuladores:**
- Araguari:** Lúcia Santos Coelho - R. Uberaba, 266, Centro. 38440-000. Tel.: (034) 661.4108.
- Araxá:** Aparecida Maria de Souza Cruvinel - Rua Doutor Edmar Cunha, 219 A, Centro. CEP 38180-000.

- Cachoeiro do Itapemirim:** Carmen Lúcia Rocha de Jesus Grillo - Av. Pinheiro Júnior, 23, Centro. CEP 29307-300 Espírito Santo.
- Divinópolis:** Arlete Marchioni Macedo Diniz - Rua Minas Gerais, 655/214. CEP 35500-007. Tel.: (037) 221-9398 e 221-1979.
- Governador Valadares:** Sandra Athyde Silva - Avenida Minas Gerais, 700/112, Centro. CEP 35010-151. Tel.: (033) 271-6471.
- Ituiutaba:** Sônia Divina Costa Rosado - Rua João Martin de Andrade, 363-A, Platina. CEP 38300-000. Tel.: (034) 261-3281.
- Montes Claros:** Ana Cristina Coulo Amorim - Avenida Santos Guimarães, 123, Sagrada Família. CEP 39401-014. Tel.: (038) 221-1586 e 221-2115.
- Patos de Minas:** Márcia Campos de Andrade - Rua José Alves Coelho, 125, Aurélio Costa. CEP 38700-000. Tel.: (034) 821-2040.
- São João Del-Rei:** Maria Tereza Antunes Albergaria - Praça Guilherme Milwat, 52. CEP 36300-000. Tel.: (032) 371-4167
- Uberlândia:** Ângela Melo - Rua Seriemas, 366, Cidade Jardim. CEP 38403-077. Tel.: (034) 238-1512 e 236-2744.

A autora é psicóloga e psicanalista, coordenadora do curso "Leituras Freudianas"

Realidade virtual e formação do analista

Lúcia Montes

Em um gesto de se interrogar e alertar seus alunos, Lacan aborda em 1975 uma questão crucial para o ensinamento ao qual vinha se propondo: um retorno à Freud visando um rigoroso percurso em sua obra. A questão de Lacan incide sobre o Aparecimento Tardio da Psicanálise na história da cultura, o que, a seu ver, deve ser encarado como um sintoma. Naquele momento torna-se evidente a clareza de Lacan quanto a questão: "um sintoma tranquilizante...", acrescenta ele.

A analogia que Lacan estabelecia naquele momento era em relação à religião. Sabe-se que, para que a Psicanálise não tenha o mesmo destino que a religião - a cristalização de um sintoma -, faz-se necessária a sustentação de um trabalho, que mantenha sempre vivo o movimento, que provoca, pela verdade escamoteada no sintoma, a emergência do inconsciente.

O Inconsciente é o lugar de onde o sujeito pode vir a se decifrar; ou ainda, sair da cifra de identificação que o prende e o retém numa alienação ao campo do Outro, onde se inscreve uma Demanda.

Vemos que estes temas, do sintoma e da religião pelas vias da identificação, estão presentes e têm longo percurso na pesquisa freudiana. Destaco especialmente seu texto de 1927, "O Futuro de uma Ilusão", onde Freud notifica um certo tipo de escolha que se faz pela via identificatória, por onde se busca um "confort", ou de onde se tenta retificar as deficiências da civilização, que se fazem sentir penosamente entre nós.

Aí, nessas passagens de 1927, Freud formula questões sobre a Formação da Religião articulando desamparo e crença, se posicionando ainda em relação à ilusória promessa do Futuro. É com a construção do conceito de Inconsciente que já se faz presente o traçado da fundamentação dos conceitos na Psicanálise. Todo o rigor de uma ética já se apresenta com o que se passa na operação analítica, que se funda à partir da lógica do desejo. Nesse contexto não há promessas, nem tampouco sustentação de garantias nelas implícitas. Se algo se passa ao nível das Ilusões ou Espelhismo que têm na Identificação o seu fim, então não é a Psicanálise do texto freudiano.

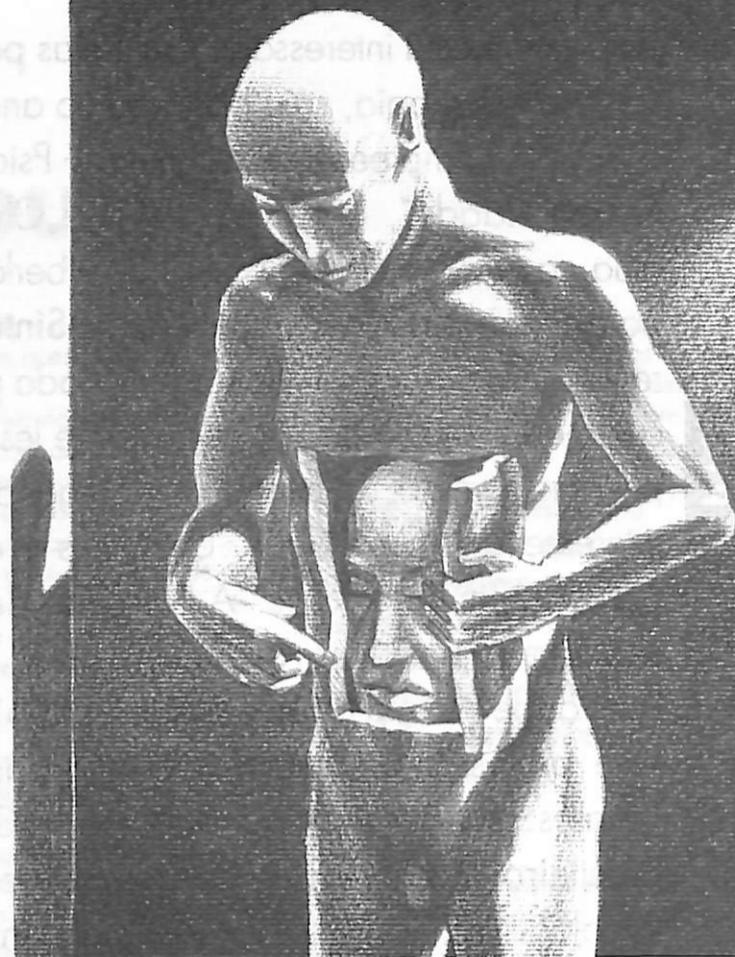
Neste ponto, eu gostaria de evocar o artigo de C. R. Drawin, "Psicanálise, no coração da modernidade" publicado neste jornal/39, e com ele partici-

par da "inquietação" suscitada, em relação ao que se poderia vir arrogar de despreocupação com a situação da Psicanálise hoje, em função de possíveis efeitos terapêuticos, que certamente ocorrem nos tratamentos padrões intitulados psicanalíticos. Minha inquietação se estende ainda ao que diz respeito à Transmissibilidade e à Formação em Psicanálise, sua consequência direta.

Mal necessário, o sintoma é uma Formação do Inconsciente a ser ratificado em um processo de onde a Psicanálise, através da experiência de um psicanalista, extrai e constrói um saber. Ênfase que é somente da experiência que um psicanalista se apreenderá nos conceitos fundamentais e assim se implicará na Práxis da Psicanálise. Unicamente no contexto da experiência - Intensão e Extensão - e em nenhum outro lugar, poderia se dizer do que é feito o desejo do psicanalista. Desde o ponto de vista da experiência, recoloco aqui a questão apresentada no artigo de C.R. Drawin: "De qual psicanálise falamos e sobre qual nos desentendemos?"

Pelo viés da linguagem demarca-se sensível diferença nas leituras do texto de Freud; e é com Lacan que se estabelece definitivamente um divisor de águas quanto à clínica psicanalítica. Que se estabeleça uma suficiência simbólica à linguagem, não basta afirmar os objetivos a serem alcançados numa análise. Se por um lado é imprescindível uma abordagem sintomática pela via do simbólico, por outro, há incidência de um real na clínica psicanalítica, que está para além do possível de se aprender pelo simples ensino de um saber, via conhecimento.

Este domínio do Saber que a Falácia inspira, seria um desvio a ser observado no estancamento de alguns percursos com a Psicanálise. São recentes fatos em que o Saber teve e/ou tem um efeito Inibitório. Às vezes fascinante, às vezes catastrófico. Às vezes tranquilizante, às vezes intimista... mas sempre resguardado pelo comum acordo daqueles que, envolvidos pela reivindicação de crença ou perplexos nos quadros da Demanda que vem do Outro, se "desimplicam" do campo do desejo. O que não é raro em um contexto social onde impera a importação e o consumo desmedido de virtuais conquistas, e em que a "corrupção do melhor" traz anúncios de garantias e acesso ao "confort intelectual".



Em seu artigo, Drawin nos lembra o difuso processo: realidade/ilusão, no qual a Modernidade concebe suas gerações de "crédulos". Poderíamos dizer, agora, que é contra uma possível Realidade Virtual, possível de ser imprimida no ensinamento da Psicanálise, que a presença de Lacan, em Viena, foi marcada por um questionamento que não se furtava em provocar decepções e/ou constrangimentos pelas críticas que fazia aos desígnios da Psicanálise instituída pelos herdeiros/discipulos de Freud.

Retorno ao artigo de Drawin para pensar que, se é certo que a modernidade engendrou como uma de suas manifestações a Psicanálise como tal, é inegável a volta histórica que Lacan opera neste moderno mito do Saber. Na solidão de seu percurso Lacan busca e recoloca em vigor o sentido e o rigor primeiro, em que Freud inflexivelmente manteve.

Ao paradoxo moderno: Gozar do Saber, Lacan imprime seu estilo e coloca acima de qualquer suspeita o necessário empreendimento do psicanalista em não ceder de sua Responsabilidade frente à orientação formal e exitosa do sintoma. Se a modernidade, como tal, deu lugar à fundação da Psicanálise, é nesta mesma "idade moderna" que se do-entifica o saber tal qual um deus, que terá na vociferação de seus apóstolos a reprodução do sempre - mesmo saber. A Psicanálise não está vacinada contra esse vírus e, portanto, ela também será atacada e consumida por reprodutores das garantias engendradas nos discursos que parasitam em torno deste campo de saber. Daí ser oportuno e bastante contemporâneo às nossas inquietações, um rigoroso discernimento do que seja a Práxis da Psicanálise.

Se no Coração da Modernidade coube mais um, este Mais Um - a Psicanálise em seu funcionamento - retorna sobre seu percurso e aí provoca uma torção, que uma vez efetivada em curso, este jamais será o mesmo. O

psicanalista intervêm diretamente na dialética da Psicanálise cada vez que se presentifica uma falta: de um saber que não se sabe - o inconsciente.

Trata-se aqui, do corte radical que a Psicanálise opera ao retornar sobre a lógica de seu próprio tempo e funcionamento. Ao quadro sintomático de um certo saber que tenta encampar-se na exclusividade de seus patrocínios e garantias, deve-se fazer moldura o não-sabido, para que um estilo se faça transmitir.

Mantendo presente a questão penso ser este um momento crucial para a Psicanálise em Belo Horizonte, quando devemos manter aberto o debate sobre a Formação do psicanalista. Faz-se urgente encarar a verdade da questão: De que Formação se trata e qual Transmissão se estabelece quando se nomeia psicanalítico um percurso?

Neste processo a escolha será sempre forçada quando for da ordem de uma implicação ética com a Psicanálise. Não basta apenas se saibamos que a lógica do Um por Um não seja mesmo o equívoco intimista dos grupos solidários. Está claro que não há "uma psicanálise mineira", mas trata-se aqui de um particular que, operando em uma certa lógica, venha escrever a impossibilidade do universal na Psicanálise.

Trabalhando sempre com uma diferença, a Psicanálise escapará à globalizante Realidade Virtual quando sustentada no rigor de seus conceitos, na dimensão de um efeito de sujeito, próprio à experiência de cada um. Aqui se impõe uma crítica constante ao saber do analista. Se é desde o corte operado pelo desejo que faz-se defeito no mundo organizado do sintoma, então podemos dizer que a modernidade também ficará faltando um pedaço... como o coração de quem ama.

Referências:

- LACAN, J. - "A Função dos Cartéis" - 1975
- LACAN, J. - "A Coisa Freudiana ou Sentido do Retorno a Freud em Psicanálise" - 1955

A virtude esquecida

O ano era 1794 e a França estava mergulhada na onda revolucionária que atingia o auge. Era o período do terror e da hegemonia jacobina, sob a liderança de *Saint-Just* e *Robespierre*. Nesse ano - quando a racionalidade das luzes mal permitia entrever o rosto sombrio que a espreitava do futuro - um homem encenou, sem o saber, o destino paradoxal da modernidade: *Jean-Antoine*, o marquês de *Condorcet*, revolucionário de primeira hora e autor de uma espécie de manifesto de inabalável crença no progresso humano, suicidava-se na prisão. *Condorcet*, perseguido e preso pela revolução a que servira, morreu sem vacilar em seu otimismo e em sua fé ilustrada.

O ano era 1940 e a Alemanha estava dominada pelo nazismo triunfante e espalhava a destruição por toda a Europa. Em *Port-Bou*, na fronteira espanhola, um homem encarnou, no transe de sua angústia, todo o horror que esmagava a inteligência resistente. *Walter Benjamin*, impedido de atravessar a fronteira, suicidava-se e seu último bilhete expressava o desespero de quem cultivara, até o fim, a mente lúcida e o coração sensível.

Entre as duas datas e os dois suicídios transcorreram-se cento e cinquenta anos, um século de decepção e desencanto, um tempo suficiente para que as primeiras dúvidas do terror revolucionário de 1794 se convertessem nas certezas da violência contemporânea. Nesse transcurso desmoronou-se a auto-confiança da Ilustração e o fracasso de seu projeto, testemunhado pelo silêncio de tantos mortos, é confirmado pela assustadora permanência da barbárie entre nós. Compreendemos, então, as palavras célebres de *Adorno* e *Horkheimer*, que abrem a sua "Dialética da Ilustração": a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo da calamidade, da terra devastada. Uma devastação que atingiu a materialidade da vida humana, banalizada ao máximo, não apenas no espetáculo dos genocídios e massacres políticos, como também na crueldade anônima da miséria das massas. Porém, não bastasse essa devastação material - ainda mais terrível por tornar-se objeto de cálculo, tanto na estratégia da guerra, quanto na lógica do mercado - também o sentido da vida foi gravemente atingido. O sofrimento revela-se, então, duplamente insensato: primeiro, por persistir quando, em muitos casos, poderia ser suprimido ou minorado; depois, por tornar-se incompreensível e arbitrário para o indivíduo desarmado de qualquer referência transcendente.

Marcel Gauchet nos mostra, em sua conhecida obra em que propõe uma história política da religião, como esse sentimento difuso e insidioso do absurdo instala-se na sociedade dessacralizada e ecoa, no indivíduo psiquicamente esgotado, como questões que, em sua quase banalidade, não encontram respostas solidamente consoladoras: por que nascemos? Por que razão viver se, aos olhos dos outros, desapareceremos sem deixar traços? Restará, então, a cada um elaborar, no abandono de sua solidão, as suas próprias respostas. Mas estas são raras e quando as encontramos suspeitamos de sua fragilidade, porque as respostas solitárias caem facilmente nas malhas da ilusão. É a recusa desse desamparo e a demanda urgente de uma certeza inexpugnável que criaram o meio onde proliferam os misticismos e reivindicam-se os milagres fáceis. Esse surto de religiosidade subjetiva parece exigir, para mitigar a inquietação dos indivíduos, uma crescente exacerbação emocional e uma comprometedora entrega ao culto do intimismo e do inefável. Talvez porque a apropriação individualista das grandes tradições religiosas do ocidente e do oriente e a privatização do sagrado mostraram-se incapazes de prover a necessária superação da vivência psicológica, aprisionada na sua temporalidade efêmera e contingente.

Porém, aos que rejeitam a satisfação imaginária e a sedução generalizada do consumo, ou descartam o "prêt-à-porter" das soluções mágicas, aos que resistem ao fluxo dos simulacros que circulam na sociedade informatizada e que insistem na via do pensamento, cumprem-lhes, a estes, o desafio de uma dura travessia. Porque o preço que se paga na renúncia da

"consciência light" - aquele estilo de vida personalizado e moldado no conforto psicológico, que *Gilles Lipovetsky* tão bem descreveu - é o inevitável confronto com a consciência trágica. Pois o mundo da falsa infinitude da mercadoria, em que tudo se deteriora com rapidez e se substitui com facilidade, só pode ser pensado tragicamente, ou seja, através da redescoberta da radical finitude humana. É como se, no mundo pós-moderno - no qual a realidade das coisas iluminadas pela razão converteu-se na hiper-realidade das imagens luminosas em si mesmas - só fosse possível denunciar a cegueira do ofuscamento pelo reencontro do sentido da noite, pela invocação do crepúsculo.

Assim, o "retorno do trágico" parece seguir na esteira do processo de esgotamento da utopia moderna do progresso e da desilusão acerca da capacidade do esclarecimento gerar felicidade, ou seja, a nova consciência trágica pressupõe a passagem pelo crivo crítico da Ilustração. Podemos considerá-la, portanto, uma consciência tipicamente pós-moderna, pois emerge do padecimento e da consumação da experiência moderna da racionalidade antropocêntrica.

Porém, e esse é o ponto que queremos ressaltar, o sentimento trágico da existência ressurgem num mundo fortemente dessacralizado e pode, por isso, deixar-se absorver facilmente por uma outra dimensão da pós-modernidade: a consciência cínica. Porque - como bem assinala *Peter Sloterdijk*, em sua grande obra de 1983 a "Crítica da razão cínica" - o cínico atual é um caso-limite de melancolia que controlou os seus sintomas depressivos e permaneceu capaz de trabalhar, é um "a-social integrado". Ou, numa primeira definição, "o cinismo é a falsa consciência esclarecida". Não é difícil perceber, através dessa definição, a perigosa proximidade entre a razão cínica e a consciência trágica.

Esse risco só pode ser vencido quando a disposição trágica e pessimista do homem pós-ilustrado, deixar-se possuir pela virtude militante da esperança. E não se trata de obter, a todo custo, um "happy end" confortável, mas de resgatar a tragédia da banalidade e revesti-la de uma grandeza verdadeiramente metafísica. Assim, *Walter Benjamin*, que evocamos no início de nosso texto, nos legou, em seus últimos escritos, algumas de suas mais penetrantes intuições acerca dessa esperança escatológica: a história não é apenas a sucessão de acontecimentos que desaparecem, tragados pela voracidade nihilista de um tempo homogêneo e vazio, mas contém sementes de redenção, num tempo saturado de "agoras", de possibilidades transfiguradoras. Por isso, é preciso não se submeter à tífania do progresso e saber lançar-se no combate pelos derrotados do passado ou, como *Benjamin* escreveu, "o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer".

Essa solidariedade com os mortos, de que fala *Benjamin*, revela-nos o significado dessa esperança, capaz de suportar o peso da tragédia e de redimir o tédio da indiferença: é a virtude militante e invisível, presente em cada gesto de reconhecimento da dignidade e irredutibilidade do outro. Cada ato moral, independentemente da crença de quem o pratique, é grávido dessa esperança e é cifra dessa transcendência. Esse significado foi magistralmente formulado, numa pequena obra escrita num campo de concentração alemão, pelo eminente pensador judeu *Emmanuel Levinas*: "É no eros que a transcendência pode ser pensada de maneira radical... A inter-subjetividade assimétrica é o lugar de uma transcendência onde o sujeito, embora conservando sua estrutura de sujeito, tem a possibilidade de não retornar fatalmente a si mesmo..."

A esperança está silenciosa e concretamente presente em cada ato moral, mas deve ser lembrada como fonte nutriz de uma existência que resista à sedução do absurdo. A esperança sendo uma virtude invisível, não deve ser, certamente, uma virtude esquecida.



Carlos Roberto Drawin

Psicólogo e professor de Filosofia da UFMG



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04



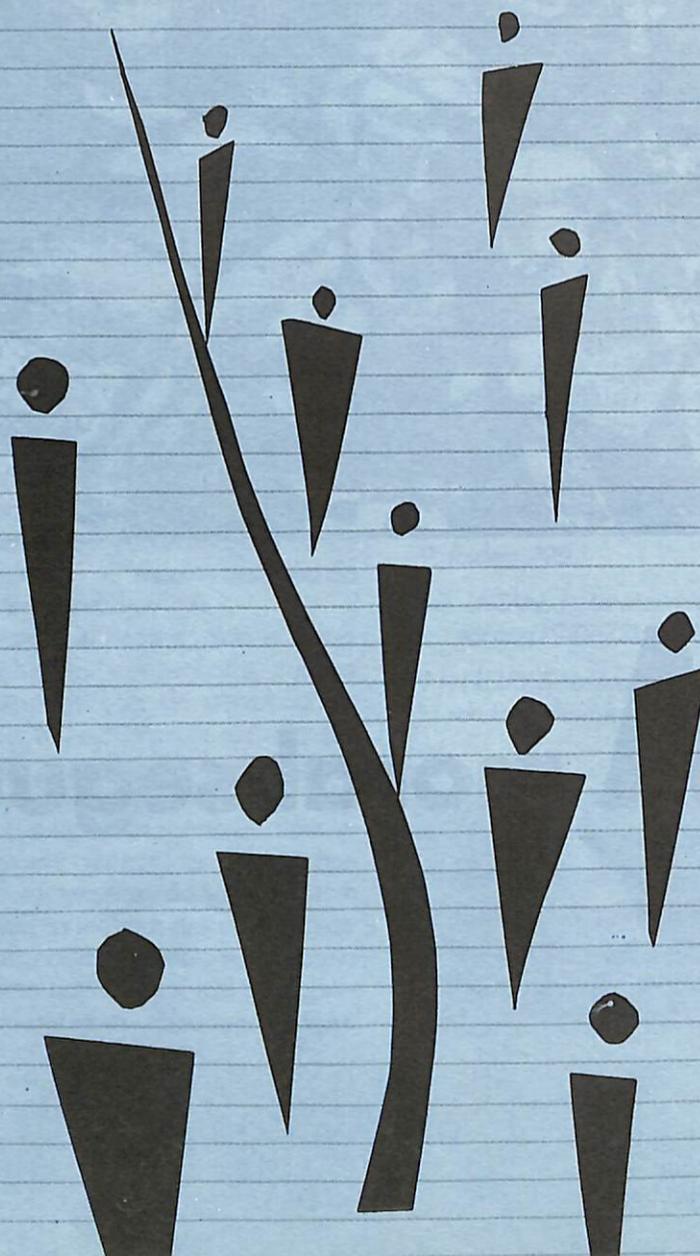
G E S T Ã O
P S I C O D I V E R S I D A D E

E S C U T A

BELO HORIZONTE, ANO 9 • Nº 40
FEVEREIRO / MARÇO 1993

MORAL

- Na Psicanálise, a moral vai além do bem ou do mal, superando a consciência que o indivíduo tem sobre si mesmo. É o que nos mostra Sérgio Laia.
- O homem, animal moral, sofre de si mesmo. E é dessa paixão que a educação moral quer e pode libertá-lo - Uma abordagem filosófica por Marcelo Perine.





**"O homem moral não é somente muito mais imoral do que ele o crê, mas também muito mais moral do que ele o sabe"
(S. Freud)**

A moral segundo a Psicanálise



que caracteriza a abordagem psicanalítica da moral é que, julgue-se o homem bom, mau ou ainda bom e mau, tais julgamentos sempre estarão sob suspeita, pois "a natureza do homem ultrapassa muito, tanto no bem como no mal, o que ele crê sobre ele mesmo...", o que é conhecido de seu eu pela percepção da consciência⁽¹⁾ - a moral, segundo a Psicanálise, terá de ser avaliada sob a perspectiva de que há em nós algo que nos coloca fora do que habitual e conscientemente reconhecemos como nós.

Em "O eu e o isso", Freud nos ensina que o nascimento do supereu - instância do aparelho psíquico responsável pela consciência moral, representante da lei originariamente encarnada pelos pais - resulta de dois fatores. O primeiro fator é o longo estado de desolação e de dependência infantil que acompanha desde sempre o ser humano e o segundo é o complexo de Édipo. Na verdade, esses fatores se entrelaçam e o primeiro, muitas vezes, acaba por exigir (e mesmo justificar) o encadeamento do segundo.

O estado de desolação e de dependência não é outra coisa que a precariedade com a qual o homem vem ao mundo e nele persevera até sua morte. Essa falta de recursos, essa **aporia** humana (demasiado humana!) pode já ser apreendida na simples constatação de que o homem é um ser vivo e, portanto, sujeito a esse escoamento brutalmente fugás para o qual a vida se orienta. Ora, a clínica analítica evidencia que, deixássemos a vida correr à sua maneira e... não a teríamos mais sequer por um fio... Por conseguinte, a intervenção do que Freud designa como Eros (pulsões de vida) se faz no sentido de "turvar o escoamento para o qual a vida tende"⁽²⁾, de "complicar a vida unindo, de maneira sempre mais extensiva, a substância viva dispersada em partículas"⁽³⁾ e, assim, de manter a vida senão jogando-a contra si mesma, pelo menos - tal como nos indica a palavra "sobrevivência" - fazendo com que ela se subreponha a si própria.

É possível prescretermos nesse escoamento para o qual a vida se dirige a presença silenciosa do que Freud nomeou como pulsão de morte e, assim, essa pulsão que não faz a vida parar de morrer, essa pulsão que tem como objetivo transportar "a vida perpetuamente mutante para a estabilidade do estado inorgânico"

⁽⁴⁾ não deixa também de ser responsável pela manutenção da vida à medida em que, por exemplo, seu movimento pode impor a intervenção de Eros.

As pulsões de vida procuram tornar inofensiva a pulsão de morte que reina nos seres vivos. Assim, a energia sexual (libido) deriva a pulsão de morte para os objetos do mundo externo e a transforma em pulsão de destruição, pulsão de dominação, vontade de potência, além de submetê-la, como nos mostra o sadismo, a uma função sexual. A parte da pulsão de morte que permanece nos seres vivos se encontra ligada libidinalmente graças à coexcitação sexual e nos permite reconhecer nela o masoquismo originário, erógeno. Por um lado, nos ensina Freud, esse masoquismo "se tornou um componente da libido" mas, por outro, "guarda sempre como objeto o próprio ser do indivíduo"⁽⁵⁾ e esse último aspecto nos diz portanto de uma parte da pulsão de morte que não se deixa seduzir por Eros, embora Freud insista que o masoquismo erógeno seria "um testemunho e um vestígio dessa fase de formação na qual se realizou essa aliança, tão importante para a vida, da pulsão de morte e de Eros"⁽⁶⁾.

É essa dupla face do masoquismo erógeno que nos permite apreender por que para a Psicanálise o homem moral é ao mesmo tempo mais imoral do que ele pensa e mais moral do que ele parece para si mesmo. Ora, Freud também reconhece o masoquismo erógeno no fundo do masoquismo moral, ou seja, no fundo do sentimento de culpabilidade que muitas vezes incessante e inconscientemente atormenta o homem. A forma extrema e sem dúvida patológica do masoquismo moral, Freud escuta no que ele mesmo designa como "reação terapêutica negativa". Trata-se da eficácia terapêutica trazida por certas desgraças terríveis que atingem a vida de muitas pessoas. Trata-se da oposição com a qual os pacientes respondem à influência do tratamento e à cura analítica - uma oposição tão incisiva que leva Freud a nos dizer que há aí uma necessidade de ser doente e uma mudez do sentimento de culpabilidade, pois este não se manifesta: o paciente se sente doente, ele não se sente culpado. Nessa satisfação inconsciente com a doença (e também com a culpa que ela viria purgar), o analista poderá vislumbrar a

obscuridade e a obscenidade inerentes à moral.

O supereu é para Freud "herdeiro do complexo de Édipo"⁽⁷⁾. É importante e mesmo imprescindível tematizarmos melhor a riqueza dessa observação freudiana. Afinal, não são poucas as leituras que encontramos onde o supereu é considerado um ponto ótimo de resolução do complexo de Édipo: advindo o supereu, introjetada a lei, não haveria com o que se preocupar - os problemas, as neuroses, psicoses, perversões etc. surgiriam devido a uma "instauração inadequada" do supereu... Entretanto, a posição de Freud é muito mais sofisticada e matizada: o supereu é herdeiro! Nesse sentido, o supereu, literalmente, herda o complexo de Édipo com tudo que ele envolve, mas não sem modificações: "os primeiros objetos das moções libidinais..., o par parental, foram introjetados no eu" e "no curso dessa introjeção a relação com esses objetos foi dessexualizada", enquanto que "o supereu conserva desde então as características essenciais das pessoas introjetadas, sua potência, sua severidade, sua tendência de vigiar e de punir"⁽⁸⁾.

Eis então a pista que nos permite encontrar a face obscura e obscena da moral. Se o complexo de Édipo é "a fonte de nossa ética individual (a moral)"⁽⁹⁾, se o supereu o herda através de um processo de dessexualização, mesmo que a relação com as imagos parentais não seja mais sexual, a marca dos pais enquanto objetos de amor, de desejo, de incesto não se apaga e assim a lei que interdita o gozo literalmente o interdita, aquele que é o mais ciente de seus deveres pode ser também o que mais se vê sujeito a tentações e o que mais se satisfaz com a própria submissão à lei, o sublime - como evoca Lacan nos fazendo pensar nos anjos de um Athayde, nas imagens de um Aleijadinho - é "o ponto mais alto do que está embaixo"⁽¹⁰⁾.

Assim, o homem, devido à sua desoluação, consentindo com a dessexualização do complexo de Édipo, tem a chance de elaborar sua moral, mas uma vez que tal desoluação sempre o acompanha, uma vez que nem toda pulsão de morte se deixa embalar por Eros, uma vez que as características do supereu eram outrora as mesmas dos objetos proscritos, nada garante a esse mesmo homem que a moral não seja continuamente ressexualizada nas exigên-

cias soturnas e nefastas do masoquismo moral. Não é portanto sem razão que, no último parágrafo de **O problema econômico do masoquismo**, Freud nos convida a sofisticar o raciocínio que habitualmente sustenta que a exigência moral antecede a renúncia pulsional: "na realidade parece que é o inverso que se produz - a primeira renúncia pulsional é imposta por forças exteriores e só então cria a moralidade que se exprime na consciência moral e exige uma nova renúncia pulsional"⁽¹¹⁾. Em outros termos, para Freud a exigência moral só se efetiva (e portanto nos leva a uma renúncia quanto à satisfação) porque a ela antecede uma renúncia primeira, datada (quem sabe?) dos tempos em que a vida, por um triz, um átimo, quase se cristalizou definitivamente - não fosse Eros - no pó que ela é, antes mesmo que ela viesse a se tornar o pó que, com a morte de cada ser vivo, ela será.

Notas

1. FREUD, S., *Le moi et le ça* (1923). In: ____, *Essais psychanalytiques*. Paris, Payot, 1981: 267.
2. *Idem*, *Le probleme économique du masochisme* (1924). In: ____, *Névrose, psychose et perversion*. Paris, P.U.F., 1981: 288.
3. *Idem*, *Le moi et le ça*: 254.
4. *Idem*, *Le probleme économique du masochisme*: 288.
5. *Ibidem* 292.
6. *Ibidem*.
7. Ver *Le moi et le ça* (páginas 240-252) e *Le probleme économique du masochisme* (páginas 294-295).
8. FREUD, S., *Le probleme économique du masochisme*: 294.
9. *Ibidem* 295.
10. LACAN, J., *Le séminaire. Livre XX: encore* (1972-73). Seuil, 1975: 18.
11. FREUD, S., *Le probleme économique du masochisme*: 297.

O autor é psicanalista, membro do Simpósio do Campo Freudiano, mestre em Filosofia (UFMG) e professor da FCH-FUMEC

A consciência moral e a norma ou o ovo e a galinha

A questão da consciência moral no ser humano, para a Filosofia, não pode ser posta nos termos em que a põem algumas das assim chamadas ciências humanas, como a Psicologia ou a Antropologia. Isto porque a Filosofia, se não pode ignorar a contribuição das ciências, também não pode pretender dar uma resposta "científica" a esta ou a qualquer outra questão. O que pretendo nesta reflexão é mostrar que a questão da consciência moral, para a Filosofia, só pode ser posta e, se possível, respondida, especulativamente. Para tanto, vou esboçar brevemente duas teses filosóficas que nos permitirão ver como se põe, filosoficamente, o problema da consciência moral e da norma. A primeira tese afirma que o ser humano é o único animal moral; a segunda afirma que o ser humano é o único animal educável. Para a Filosofia, as duas teses são evidentes. Trata-se, portanto, de véias, mas nisso consiste toda a sua dificuldade. Vejamos, pois.

1. Afirmar que o ser humano é o único animal moral significa, simplesmente, reconhecer um fato universal: não se tem notícia de nenhum grupo humano, por mais primitivo que seja, totalmente desprovido de normas. Esta evidência, antropologicamente comprovável, aponta para duas constatações igualmente evidentes. A primeira é que só o ser humano se dá normas de comportamento que não estão inscritas no seu código genético, pois se as normas mais primitivas, como as que regulam a alimentação e o parentesco, poderiam ser a expressão do instinto de sobrevivência, logo se verifica uma diversidade tão grande de normas nos grupos humanos, que não é possível pensar num processo de regulação determinado pelo que nós chamamos de "leis da natureza". A segunda decorre da primeira e consiste em que só o ser humano pode transgredir e, amiúde, transgride as normas que ele mesmo se dá.

O que significa o fato de não encontrarmos grupos humanos desprovidos de normas? O que significa o fato de sermos os únicos animais que, em certo sentido, fazem a infelicidade do seu ser animal, dando-se normas de comportamento que, literalmente, transgridem as "leis da natureza"? E mais: o que significa que somos os únicos a poderem transgredir, não só as "leis da natureza", mas também, e principalmente, essas transgressões das "leis da natureza", que são as normas de comportamento? A resposta "científica" a essas interrogações fica, necessariamente, aquém da raiz da questão. Dizer, por exemplo, que um assassinato primitivo explica a consciência moral é transgredir uma das regras mais elementares da boa lógica e incorrer no que se chama de "círculo na prova". Sem a consciência moral, não haveria nenhuma diferença entre a morte do pai pelos seus filhos e a morte do pai estraçalhado por uma fera: simplesmente não haveria *assassinato*¹.

A resposta só pode ser especulativa: se perguntamos "o que significa?", é porque somos os únicos capazes de pôr a questão do sentido, que, no âmbito em que nos situamos aqui, é a questão do bem. Filosoficamente falando, a consciência moral é uma "dimensão" constitutiva do ser humano, cuja presença ou ausência é suficiente para demarcar a linha de separação entre nós e os nossos parentes mais próximos do mundo animal. Como se desenvolve a consciência moral, qual a sua relação com as condições materiais da produção da vida, qual a sua estrutura e os seus mecanismos, todas essas, e outras, são questões muito interessantes, porém, posteriores e conseqüentes à dimensão moral do ser humano². Essa evidência abre caminho para a segunda tese.

2. Dizer que o ser humano é o único animal educável é uma tese tão evidente quanto a primeira. Porém, a sua aceitação é, provavelmente, mais difícil, tanto pela sua evidência, que, contudo, se prova por vias de fato, quanto pelos seus pressupostos

e pelo que dela decorre, lógica e praticamente. Dado o frenesi naturalista que invade o nosso tempo, já não é mais tão evidente que a educação e, portanto, a cultura, seja um estado desejável para a humanidade, pelo menos segundo as versões mais radicais e incoerentes do ecologismo que adotaram como lema o "voltemos ao plioceno", como é o caso do grupo americano *Earth First*. Mas esta não é a sede para discutir da cretinice ecológica. O principal pressuposto desta tese é a sua dependência direta da tese anterior: só o homem é educável porque só ele é moral. Com efeito, só um ser que reconhece uma norma pode opor-se a ela. A mais importante decorrência, lógica e prática, desta tese é que a educação, numa parte não desprezível, é transgressão das assim chamadas "leis da natureza". De fato, só um ser que não é simplesmente "natural" pode tornar "naturais" comportamentos que não procedem da "natureza". O pressuposto é relativamente fácil de aceitar, desde que se aceite a evidência da primeira tese. A decorrência, ao contrário, muito provavelmente, nos escandaliza. Contudo, ela é rigorosamente lógica e moralmente prática.

Que a educação seja, em boa medida, transgressão, é uma decorrência lógica do fato de o homem ser moral. Boa parte da educação, com efeito, não é mais que domesticação do animal no homem. É certo que a educação não se reduz a isso, mas é igualmente certo que, embora o homem não seja um animal qualquer, sem a domesticação do animal a educação não se completa segundo o seu fim, que consiste em fazer do educando um educador, de si mesmo tanto quanto de todos os que têm necessidade de educação. Ademais, e isto é decisivo, se a forma mais elevada de educação é a educação moral, esta consiste na educação das paixões, isto é, na submissão daquela dimensão "natural" ou empírica do homem à sua "dimensão" moral³. A paixão é o que define a individualidade do homem, e não há como educá-la senão recorrendo também aos meios que a própria paixão põe à disposição do ser humano. O que é decisivo aqui, pelo menos para o filósofo, não é a medida do emprego das paixões empíricas agradáveis ou das sensações dolorosas a serviço da educação, pois isso depende dos casos individuais e da moral dominante nas comunidades. O decisivo não é a escolha entre as paixões, mas a escolha da paixão como meio para educar a paixão. Isso prova, justamente, que a educação não se faz sem violência contra a violência ou, para usar uma fórmula menos escandalosa, sem o uso da paixão contra a paixão. Mas a educação moral é muito mais do que o simples domínio das paixões. Ela pretende dar ao indivíduo uma atitude correta nas suas relações com os outros membros da comunidade. Numa palavra, ela visa à virtude do indivíduo⁴.

Seria longo desenvolver aqui o que significa esse antiquado termo virtude. Em poucas palavras, educar para a virtude significa tornar morais esses seres imorais que somos nós, não pela imposição de uma moral concreta, mas pela proposição de possibilidades sempre maiores de ações razoáveis no interior da moral concreta. Dito de outro modo, educar para a virtude significa tornar os seres humanos capazes de decidir e agir razoavelmente no seu lugar no mundo, segundo as exigências do bem e em vista da eliminação progressiva da dose de violência que entra nas relações humanas.

Quero concluir como uma proposição que enfeixa a articulação das duas teses sumariamente apresentadas aqui, e mostra que a questão da consciência moral e da norma não pode ser posta nos termos da alternativa entre o ovo e a galinha. Ela: o animal moral, que é o homem, sofre de si mesmo, e é dessa paixão que a educação moral quer e pode libertá-lo.

Marcelo Perini

Professor e diretor da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus (BH) e professor de doutorado do Departamento de Filosofia da Fafich - UFMG

Endereço do autor:
Av. Cristiano Guimarães, 2127
Cep 31720-300 Belo Horizonte MG

Notas

1. Cf. E. WEIL, *Philosophie morale*, Paris, Vrin, 1969, pp. 20ss. Ver também: M. PERINE, *Filosofia e violência. Sentido e intenção da filosofia de Eric Weil*, São Paulo, Loyola, 1987, pp. 205ss.
2. Cf. M. PERINE, "A dimensão ética do homem", *Síntese Nova Fase*, 43 (1988): 23-37.
3. Cf. M. PERRINE, "Educação como arte segundo Kant", *Síntese Nova Fase*, 40 (1987): 9-32, ver também M. PERINE, "Educação, violência e razão. Da discussão socrática à sabedoria Weilliana", *Síntese Nova Fase*, 46 (1989): 49-70.
4. Cf. E. Weil, *Filosofia Política*, Trad. de M. Perine, São Paulo, Loyola, pp. 61-70.